



Carolina Junqueira
Daisy Turrer
Elisa Campos
Júnia Mortimer
Liliza Mendes
Luiz Carlos Garrocho
Malu Fatorelli



Marcelo Rocco
Mariana Lima Muniz
Maurílio Andrade
Patricia Franca-Huchet
Stéphane Huchet
Wanda Tófani

O Colóquio *Tempo em situação: espaço imagem cenografia* pretende interrogar sobre as pesquisas que se interessam pelo tempo como problemática para pensar a arte. O tempo é um rico e múltiplo conceito que coloca em jogo diferentes noções, como a relação histórica, a memória, o documento, a imagem a espacialidade e a cenografia de nossa época. Através de uma perspectiva aberta entre pesquisadores da Escola de Belas Artes e convidados, examinaremos as interrogações que se agrupam em três eixos que se interpenetram e se complementam



1. Como o tempo é abordado nas artes? Como artistas tratam a questão do tempo? Trata-se de observar nas práticas artísticas como o tempo se manifesta e como se torna um objeto de análise. A relação das obras com a história: nos perguntamos aqui como a imagem e a cena integram o tempo pela sua relação histórica. Quais funções atribuir à história como sujeito na arte e em quais condições ela pode manifestar o tempo em nossas produções?

2. A imagem se compreende no cruzamento do singular e do coletivo. É geradora de espaços e textualidades, interliga campos diversos. Por isso ela interessa ao conjunto das ciências humanas — nosso domínio — e pode ser abordada por diferentes pontos de vista. Interessa-nos observar a imagem como elemento de estudo para a linguagem.

3. Pensaremos juntos a parte do texto e da palavra — a literatura, a voz, a crítica — nos interrogando sobre o estatuto da pesquisa e do imaginário. A idéia que o tempo se constitui a partir de representações comuns. Pensaremos sobre a recepção — o espectador — sobre a representação e a ficção.

Programa

DIA 24 quarta-feira 14:00 as 17:00 horas

Apresentação | Junia Mortimer | Luiz Carlos Garrocho
| Elisa Campos
Mediador: Mariana Muniz

DIA 25 quinta-feira 9:30 as 12:00 horas

Marcelo Rocco | Carolina Junqueira | Daisy Turrer
Mediador: Patricia Franca-Huchet

DIA 25 quinta-feira 14:00 as 17:00 horas

Liliza Mendes | Mariana Muniz & Maurílio Rocha
| Patricia Franca-Huchet | Malu Fatorelli
Mediador: Stéphane Huchet

DIA 26 sexta-feira 9:30 as 12:00 horas

Wanda Tófani | Stéphane Huchet
Mediador: Daisy Turrer

Carolina Junqueira dos Santos

Como salvar o corpo: pequena nota sobre fotografia e morte

O trabalho a ser apresentado parte de uma pesquisa sobre morte e representação na fotografia. A morte foi um dos temas mais explorados pela nova imagem técnica que, de imediato, trouxe ao âmbito das relíquias familiares a imagem do ente querido morto. No estudo de uma cena fotográfica partilhada entre vivos e mortos, notamos uma estranha neutralização das diversas instâncias dos corpos, do tempo particular que habita cada corpo. A fotografia instaura um outro tempo e traz, para um lugar aparentemente em comum, o que está vivo e o que está morto.

Daisy Turrer

O fascínio: a imagem como contato a distância

Abordar, a partir das formulações teóricas de M. Blanchot sobre o imaginário, o estatuto ambíguo da imagem, como a presença capturada de algo distante no tempo e no espaço e simultaneamente como afirmação de uma ausência, que se constitui por um contato a distância no meio indeterminado da fascinação.

Elisa Campos

Aberturas e atravessamentos: poéticas da ação na arte hoje

As poéticas da ação na arte, compreendidas a partir das manifestações de intervenção no espaço das cidades, possuem uma história relativamente recente, pautada em grande medida por realizações circunscritas temporalmente e que se impõem de forma inesperada dentro da malha urbana buscando ativar diálogos diretos com a comunidade. Trata-se de uma produção que destitui instituições e mercado de seu tradicional papel de mediadores entre arte e público. Ao se inserirem no espaço público, tais manifestações se colocam, a princípio, como inserções políticas, sendo por excelência críticas e provocadoras ao externarem fissuras presentes na própria produção de arte, nos modelos hegemônicos de gestão cultural e na estrutura capitalista que rege a vida nos grandes centros urbanos. Iniciativas realizadas por artistas independentes

e por coletivos de artistas apontam para experiências construídas em novas lógicas de ação, indo das redes sociais às instituições e à rua, para promoverem importantes questionamentos sobre o homem contemporâneo. Suas formas de atuação no ambiente cultural e social, abrindo zonas de contato, porosidades e atravessamentos acabam por criar interfaces e se apropriar de dispositivos próprios das várias áreas em diálogo e interação nas cidades contemporâneas.

Junia Mortimer

Histórias do tempo imediato: construindo lugares de relação entre projeto e história da arquitetura entre 1990-2010.

Esta pesquisa propõe investigar discursos contemporâneos da história da arquitetura a fim de conhecer os modos de pensamento da história da arquitetura hoje e avaliar como esses pensamentos históricos se relacionam com o desenvolvimento da lógica da invenção ou lógica projetual do arquiteto. Propõe-se também identificar e avaliar os principais modos de apropriação do pensamento histórico que se dão nas arquiteturas realizadas entre 1990-2010, especialmente no Brasil, posteriormente ao historicismo pós-modernista. A ideia é explorar, por meio da arquitetura, apontamentos sobre a relação da sociedade contemporânea com a história. Pretende-se ainda, explorar a relação história e projeto, com bibliografia específica ao tema e discutir e rerepresentar os conceitos de lógica projetual ou lógica da invenção e pensamento histórico.

Liliza Mendes

Em processo: o tempo posto à mesa

A apresentação abordará a questão do tempo através da leitura de obras dos artistas Victor Grippo e Nydia Negromonte, cujo caráter processual permite a observação de suas temporalidades.

Luiz Carlos Garrocho

Emergência da situação na cena contemporânea: site-specific, acontecimento e reinvenção do convívio.

O crítico Michael Fried denunciava, nos anos 60, o que ele chamava de teatralização das artes: o objeto em situação, que passa a incluir na sua própria definição o observador. O que implicava, também, na questão da duração. Tomaremos essa crítica na sua positividade. E a partir disso, discutiremos a mudança de paradigma no conceito de obra, que será tomada sob a perspectiva do acontecimento. E nessa via, trata-se de abordar em que medida a performance site-specific e a cena nos espaços encontrados e vias urbanas reinventam a experiência do convívio.

Malu Fatorelli

Temporalidades cruzadas: o livro e a obra

Examinaremos aspectos da obra como memória, imagem e espaço arquitetônico relacionados à questão do tempo — reflexão sobre os processos construtivos da obra e a estratégia de organização do livro. Investigação sobre os lugares do tempo na obra e no livro.

Marcelo Rocco

Experiências Transeuntes: o corpo-espera na cidade

Pensar o cotidiano como locus de discursos contrários, de enfrentamentos e de fricção de idéias possibilita entendê-lo como um palco privilegiado de experiências com sentido renovado, em que o tempo presente acolhe o saber multicultural e multifacetado. As intersecções potencializam os posicionamentos dos seres no mundo gerando consciência sobre os processos sociais. A ocupação de espaços públicos e a interrupção do fluxo cotidiano questionam e pontuam questões sociais na busca da participação [do espectador] como auto-experiência e auto-reflexão. Sendo assim, pode-se dizer que a configuração de interrupções do fluxo cria situações multifacetadas de aproximação com a vida.

Mariana Lima Muniz & Maurílio Andrade

Relação Teatro e Internet: tensionamento no tempo e espaço do acontecimento teatral

Essa comunicação pretende estabelecer as relações entre teatro e web. Apresentaremos alguns exemplos desta relação como espaço de pesquisa, divulgação e criação discutindo o tensionamento ontológico que a introdução da presença virtual do espectador exerce sobre a arte teatral, alterando sua forma de existir no tempo e no espaço.

Patricia Franca-Huchet

Montagens no tempo: o *bricoleur* o livro e o fotógrafo

A partir da reflexão sobre a montagem envolvendo a fotografia o texto e o livro, observaremos a noção de *Bricoleur*, pensada por Lévi-Strauss em seu livro *O Pensamento Selvagem*. *O bricoleur utiliza fragmentos [...] testemunhos fósseis da história de um indivíduo ou de uma sociedade*. Por sua natureza aberta, a montagem é uma forma de manipular o tempo que aqui passará pela história das imagens, pelo sentido temporal que elas suscitam e como podem sobreviver em nossos dias. Aceitar a luz de uma imagem que vem de longe, de muito longe e que ainda assim, e por isso, nos qualificaria.

Stéphane Huchet

A história da arte como tempo das imagens

A arte tem uma longa história. Todo artista pertence à sua época, mas não deixa de eventualmente participar, pelo diálogo que instaura com outros artistas, de outros tempos. Assim, na linha do tempo, podemos ver como muitos deles inserem seu trabalho numa troca dinâmica e instigante com outras imagens e obras que permeiam seu universo. Em vez de influências, falaremos de fluências entre o passado e o presente das imagens. Esses mecanismos configuram uma história da arte constituída em parte pela encenação das relações transtemporais que caracterizam a passagem entre os tempos da arte e dos artistas.

Wanda Tófani

A narrativa na pintura de Paula Rego: um atravessamento temporal

Busca-se, nesta apresentação, analisar as relações intertextuais, sob a égide de deslocamentos temporais na obra pictórica de Paula Rego. Esta obra enfoca a essência das relações humanas dialogando potencialmente com a literatura. Sua pintura e seus desenhos apresentam um universo social onde a representação das mulheres desenha seus diversos papéis. A condição feminina é traduzida pelas composições que privilegiam espaços domésticos onde se mesclam realidade e fabulação. A dimensão narrativa de suas imagens, oriunda de diálogos intertextuais, potencializa suas pinturas, onde personagens literários ou imaginários interagem com suas memórias de vida, abrindo-as para um amplo e complexo campo de sentidos.



Carolina Junqueira dos Santos é Doutoranda em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG com pesquisa sobre representação e morte na fotografia. Mestre e Bacharel em Artes Visuais pela mesma instituição. Tem formação complementar em Literatura e Cinema, tendo se dedicado, mais intensamente, à pesquisa teórica no campo da arte, da fotografia, do estatuto da imagem e da representação. É bolsista da FAPEMIG e membro do BE-IT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo.

Daisy Turrer é artista plástica. Professora de Gravura e do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG. Graduada em Licenciatura e Desenho pela Fuma UEMG. Doutora em Literatura Comparada pela FALE/UFMG. Coordena o Núcleo de Estudos da Cultura do Impresso NECI - EBA.

Elisa Campos é artista e pesquisadora e vem apresentando seus trabalhos em exposições coletivas e individuais em várias cidades do Brasil desde 1991. Suas duas últimas exposições individuais aconteceram no Museu de Arte da Pampulha e na Funarte-MG, ambas em 2011. Doutora em Arte pela Escola de Belas Artes da UFMG, realizou pesquisa na Université de Paris 8 – Paris/FR desenvolvendo tese sobre a materialidade da imagem na arte contemporânea. Tem publicado artigos em revistas e livros, brasileiros e estrangeiros. Professora Adjunta na Escola de Belas Artes da UFMG na Habilitação de Artes Gráficas. Desenvolve desde 2003 o projeto Laboratórios Urbanos, coordenando ações de intervenção urbana como processo de compartilhamento coletivo na EBA e em outras instituições e eventos. Participou recentemente da 2ª versão do Projeto Muros: Territórios Compartilhados, realizado em agosto de 2012 em Fortaleza | CE e foi selecionada para o Situações Brasília : Prêmio de Arte Contemporânea do Distrito Federal a ocorrer no Museu do Conjunto Nacional da República, no mês de outubro de 2012. Coordenou de 1997 a 2000 o Departamento de Artes Plásticas do Museu de Arte da Pampulha em Belo Horizonte, trabalhando na organização de exposições nacionais e internacionais, realizando curadorias do acervo e mostras contemporâneas. De 2002 a 2003, coordenou o Núcleo de Arte Educação na mesma instituição, Implantou, junto a Benedict Wiertz, o Projeto Educativo do Instituto Inhotim | Brumadinho/MG (2005/06).

Junia Mortimer é Doutoranda em Arquitetura na UFMG, com tema sobre a relação entre história e atividade projetual em arquitetura. Mestre em Artes e Humanidades pelo programa

Erasmus Mundus (University of Sheffield - UK, Université de Perpignan - França, e Universidade Nova de Lisboa - Portugal), com linha de pesquisa sobre as estruturas do imaginário da cidade na literatura moderna. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Atualmente ensina na EA | UFMG como bolsista Reuni. É fotógrafa, integrante do coletivo Fora das Bordas e pesquisadora do Grupo Arquitetura Humanismo e República, da UFMG.

Liliza Mendes é Doutoranda em Artes, Mestre em Artes Visuais e Graduada em História (UFMG). Professora Assistente do Departamento de Artes Plásticas da EBA/UFMG. Atua na área da Tridimensionalidade, enfocando questões ligadas aos procedimentos de moldagem e modelagem. Desde fins da década de 1980 participa de exposições coletivas e individuais com seu trabalho plástico. É membro do BE-IT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo.

Luiz Carlos Garrocho é doutorando em artes na EBA-UFMG sob orientação de Mariana Muniz com o tema Teatralidades In Situ: site specific performance — criação cênica nos espaços encontrados e buscados. É pesquisador e criador em artes cênicas, na interface entre Teatro Físico e Performance. Professor de Teatro na Fundação Clóvis Salgado e membro do Coletivo Contraponto, dedicado à performance urbana. Atua nas áreas da pesquisa e criação cênica, filosofia, arte-educação e gestão cultural. É Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes/UFMG — Cartografias de uma improvisação física e experimental e Bacharel em Filosofia pela UFMG. Coordena o Laboratório de Teatro Físico e Performance no CEFAR-FCS. Como gestor cultural dirigiu o Teatro Marília (1993-1996), o Centro de Cultura Belo Horizonte (1999-2004) e os Teatros Municipais (2005-2008). Entre os projetos criados figuraram: Zona de Ocupação Cultural, Cabaré Voltaire (Performance), Leitura Aberta e Arte Expandida.

Malu Fatorelli é arquiteta, mestre em Comunicação e Tecnologia da Imagem (ECO-UFRJ) e Doutora em Linguagens Visuais (EBA-UFRJ). É professora adjunta do Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Foi Artista Visitante na Escola Internacional de Gráfica de Veneza, Itália; na Ruskin School of Drawing and Fine Arts da Universidade de Oxford, Inglaterra, com bolsa do British Council; no Headland Center for the Arts, São Francisco, CA, EUA e no Instituto Gedok na Alemanha. Realizou exposições no Brasil e no exterior (USA, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, China e Cuba). Tem trabalhos nas coleções da Biblioteca Nacional de Paris, França. Linacre College, Oxford, Inglaterra. Centro Internacional da Gráfica de Veneza,

Itália. Fundação Cultural de Curitiba, PR. SESC, RJ. Museu da Chácara do Céu, RJ. MAC Niterói.

Museu Nacional de Belas Artes, RJ e Pinacoteca de São Paulo.

Marcelo Rocco é Professor Assistente da Universidade Federal de São João Del-Rey (UFSJ), área de Licenciatura em Teatro (COTEA) — Departamento de Letras Artes e Cultura (DELAC). Mestre em Artes Cênicas pela UFMG/2008; Especialista em Pós-Graduação Latu-Sensu em Pesquisa em Arte e Cultura, pela UEMG/Escola Guignard, 2008. Graduação em Direção Teatral pela Universidade de Ouro Prêto, UFOP/2006. Graduado em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Prêto/2006. É doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG.

Mariana Lima Muniz é professora do Curso de Graduação em Teatro e da Pós-Graduação da EBA-UFMG. É Doutora em Teatro pela Universidad de Alcalá (Espanha), formada em Interpretação Teatral pela Real Escuela Superior de Arte Dramático (Espanha) e em Letras pela UFMG. Na década de 1990, trabalhou como atriz em diversos espetáculos em Belo Horizonte (Grupo Galpão) e recebeu o prêmio SINPARC de melhor atriz em 1999. Atuou como atriz junto ao Impromadrid e em outros coletivos, tendo participado dos principais festivais espanhóis e portugueses. Em 2006, foi responsável pelo treinamento de improvisação do Jogando no Quintal (SP) e dirigiu o primeiro Match de Improvisação do Brasil em Belo Horizonte. Foi curadora do Festival de Inverno da UFMG de 2007 até 2010. É criadora e coordenadora do FIMPRO – Festival Internacional de Improvisação, evento itinerante que iniciou-se em Belo Horizonte em 2007 e, atualmente, percorre as principais cidades brasileiras dentro do programa Vivo Encena. É atriz convidada do Grupo Galpão no espetáculo Tio Vânia – aos que virão depois de nós, tendo recebido o prêmio SINPARC/USIMINAS de Melhor Atriz coadjuvante por este trabalho. É líder do núcleo de pesquisa do CNPq NACE – Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Artes Cênicas. É co-editora da Lamparina – Revista de Ensino de Teatro e participa do conselho editorial da Revista Pós, ambas do Programa de Pós-graduação em Artes da UFMG. Sua pesquisa centra-se, atualmente, na relação entre Teatro e Novas Tecnologias.

Maurílio Andrade é Coordenador do Programa de Pós Graduação em Artes da UFMG. Professor Associado do Departamento de Fotografia, Teatro e Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG onde leciona na graduação (Teatro) e na pós-graduação (Mestrado e Doutorado em

Artes). Coordenador do PROCAD-NF 2009 entre os programas de Pós-Graduação em Artes da UFMG e UFPA e Música da UFBA além de professor e Orientador do DINTER entre Instituto Federal do Ceará e UFMG. Investigador do Instituto de Etnomusicologia | Centro de Estudos de Música e Dança (INET-MD) da Universidade Nova de Lisboa, atuando como Doutor colaborador desde 2008. Realizou seus estudos artísticos na Fundação de Educação Artística em Belo Horizonte, na Escola de Música da UFMG, na Universidade Nova de Lisboa e na Escola de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa. Atua principalmente nos seguintes temas: Teatro e Sociedade, composição e performance musical para teatro e formação vocal e musical de atores.

Patricia Franca-Huchet é pesquisadora, artista e professora da Escola de Belas Artes da UFMG. Doutora e Mestre pela Université de Paris I | Sorbonne. Graduação pela Université de Paris VIII. Pós-doutorado pela Université de Paris III no Centre de Recherche en Esthétique du Cinéma et des Images (CRECI). Trabalha sobre a imagem focalizando seu interesse pela reconstrução crítica da tradição pictural (fotografia e pintura). É membro do IAWIS: International Association of word and image studies. Coordena o grupo de pesquisa BE-IT: Bureau de estudos sobre a imagem e o tempo. É membro do corpo permanente do PPGA da EBA/UFMG, que ajudou a fundar, desde 1998. Foi professora da Universidade de São Paulo (ECA-CAP) de 1995 a 1997. Tem publicações em livros e revistas especializadas no Brasil e em outros países. Foi professora convidada da Universitat Politècnica de València. Foi artista residente na Fondation Danæe/França. Atua principalmente nos seguintes temas: imagem, fotografia, pintura, literatura, teoria da arte.

Stéphane Huchet é membro do Comitê Brasileiro de História da Arte. Professor Associado da Escola de Arquitetura da UFMG. Pós-doutorado na Université de Haute-Bretagne Rennes 2 sobre o tema: Documentar a arte, uma investigação sobre os espaços e suportes de apresentação, documentação e construção da memória da arte (08-09). Doutorado em Histoire et Théorie de l'Art em Formes, Signes, Représentation na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (1990). Mestrado em Artes, Université de Paris I | Panthéon-Sorbonne, (1984). Graduação em Histoire, Université de Haute-Bretagne (1981) em Histoire de l'art et archéologie, Université de Paris IV | Paris-Sorbonne, (1982). Publicou os seguintes livros: Fragmentos de uma Teoria da Arte (Stéphane Huchet, org.) São Paulo: Edusp, 2012; Intenções Espaciais. A plástica exponencial da arte (1900-2000) Belo Horizonte: C/Arte, 2012; Castaño. Situação da Pintura, Belo Horizonte:

C/Arte, 2006; Le tableau du monde. Une théorie de l'art des années 1920, Paris: L'Harmattan, 1999. É Pesquisador do CNPq e vice-coordenador do grupo de pesquisa BE-IT: Bureau de Estudos sobre a Imagem e o tempo.

Wanda Tófani é Doutora em Letras pela FALE | UFMG (2005), Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG (1997). Graduada em Desenho, Pintura e Gravura pela Escola de Belas Artes da UFMG (1981 e 1983). Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes (2011). Participou de vários eventos dos quais se destacam, Acqua, ae. f. Individual, Galeria do Espaço Cultural da CEMIG (BH/1994). Tomos, com Eugênio Paccelli, Galeria do Espaço Cultural da Cemig (BH/2010). Concierto Barroco, coletiva, Galeria Poliedro, MAMM (Juiz de Fora/2009). Anunciação, coletiva, Galeria do Espaço Cultural da Cemig, (BH/2007). Poéticas Visuais, com Fabrício Fernandino, e Mário Azevedo, 300 Festival de Inverno da UFMG, Casa dos Contos (Ouro Preto/1998), Centro Cultural Yves Alves (Tiradentes/1998) e Palácio das Artes (BH/1998). II Salão de Artes Visuais da Fundação Clóvis Salgado, Prêmio Rede Globo, (BH/1985). XXXVII Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, Prêmio de Aquisição, (Recife/1984).

ESCOLA DE BELAS ARTES | UFMG

AUDITÓRIO ÁLVARO APOKALYPSE

Av. ANTÔNIO CARLOS 6627 | BELO HORIZONTE | CEP 31270-010

INSCRIÇÕES ATÉ O DIA 23 DE OUTUBRO PELO E-MAIL

bureau.estudos.imagem.tempo@gmail.com



PPGArtes

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
Patricia Franca-Huchet

BE-IT: BUREAU DE ESTUDOS SOBRE A IMAGEM E O TEMPO

